



**EXPERIÊNCIA NA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE GERIÁTRICA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA:  
DESAFIOS OBSERVADOS POR PROFISSIONAIS DE SAÚDE**

***EXPERIENCE IN ADDRESSING GERIATRIC SEXUALITY IN PRIMARY CARE: CHALLENGES  
OBSERVED BY HEALTH PROFESSIONALS***

***EXPERIENCIA EN EL ABORDAJE DE LA SEXUALIDAD GERIÁTRICA EN LA ATENCIÓN  
PRIMARIA: DESAFÍOS OBSERVADOS POR PROFESIONALES DE LA SALUD***

Beatriz Ignacio Carvalho<sup>1</sup>, Lucas Carneiro Costa<sup>2</sup>, Paulo Cavalcante Apratto Junior<sup>3</sup>, Márcia de Melo Dórea<sup>4</sup>

e768324

<https://doi.org/10.47820/recima21.v7i6.8324>

PUBLICADO: 06/2026

**RESUMO**

A sexualidade da pessoa idosa permanece cercada por tabus, estigmas e limitações socioculturais que dificultam sua abordagem no contexto assistencial, especialmente na Atenção Primária à Saúde (APS). Apesar de ser reconhecida como componente importante da qualidade de vida e do cuidado integral, a temática ainda é pouco explorada pelos profissionais de saúde. Objetivo: Relatar a experiência relacionada à abordagem da sexualidade geriátrica na APS, destacando os principais desafios observados pelos profissionais de saúde. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir de atividades realizadas em Unidades Básicas de Saúde conveniadas à Universidade do Grande Rio (Unigranrio Afya Duque de Caxias), envolvendo profissionais da APS. A experiência foi construída a partir da aplicação de questionário e observação das percepções, dificuldades e práticas relacionadas à abordagem da sexualidade da pessoa idosa. Resultados: Observou-se que a maioria dos profissionais reconhece a sexualidade como parte importante do cuidado integral ao idoso, porém muitos relataram possuir apenas conhecimento básico sobre o tema e abordá-lo de forma ocasional. Entre os principais desafios identificados destacaram-se resistência dos pacientes, preconceitos socioculturais, falta de formação específica, desconforto profissional e limitação de tempo durante os atendimentos. Também foi evidenciada a necessidade de maior inserção da temática nos currículos da área da saúde e em ações de educação permanente. Conclusão: A experiência demonstrou que ainda existem importantes barreiras para a abordagem da sexualidade geriátrica na APS, reforçando a necessidade de estratégias educativas, qualificação profissional e fortalecimento de práticas assistenciais mais humanizadas e integrais voltadas à população idosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Saúde do Idoso. Atenção Primária à Saúde.

**ABSTRACT**

*The sexuality of older adults remains surrounded by taboos, stigmas, and sociocultural limitations that hinder its discussion in healthcare settings, especially in Primary Health Care (PHC).*

<sup>1</sup> UNIGRANRIO AFYA, graduanda.

<sup>2</sup> UNIGRANRIO AFYA, graduando.

<sup>3</sup> UNIGRANRIO AFYA, doutor.

<sup>4</sup> UNIGRANRIO AFYA, doutora.



*Although it is recognized as an important component of quality of life and comprehensive care, this topic is still rarely explored by healthcare professionals. Objective: To report the experience related to addressing geriatric sexuality in PHC, highlighting the main challenges observed by healthcare professionals. Methodology: This is an experience report developed based on activities carried out in Basic Health Units affiliated with the Universidade do Grande Rio (Unigranrio Afya Duque de Caxias), involving PHC professionals. The experience was constructed through the application of a questionnaire and the observation of perceptions, difficulties, and practices related to addressing the sexuality of older adults. Results: It was observed that most professionals recognize sexuality as an important part of comprehensive care for older adults; however, many reported having only basic knowledge on the subject and addressing it only occasionally. Among the main challenges identified were patient resistance, sociocultural prejudices, lack of specific training, professional discomfort, and limited time during consultations. The need for greater inclusion of this topic in health-related curricula and continuing education initiatives was also highlighted. Conclusion: The experience demonstrated that important barriers still exist in addressing geriatric sexuality in PHC, reinforcing the need for educational strategies, professional qualification, and the strengthening of more humanized and comprehensive healthcare practices aimed at the older population.*

**KEYWORDS:** *Sexuality. Health of the Elderly. Primary Health Care.*

### **RESUMEN**

*La sexualidad de las personas mayores permanece rodeada de tabúes, estigmas y limitaciones socioculturales que dificultan su abordaje en el contexto asistencial, especialmente en la Atención Primaria de Salud (APS). Aunque se reconoce como un componente importante de la calidad de vida y de la atención integral, esta temática aún es poco explorada por los profesionales de la salud. Objetivo: Relatar la experiencia relacionada con el abordaje de la sexualidad geriátrica en la APS, destacando los principales desafíos observados por los profesionales de la salud. Metodología: Se trata de un relato de experiencia desarrollado a partir de actividades realizadas en Unidades Básicas de Salud vinculadas a la Universidade do Grande Rio (Unigranrio Afya Duque de Caxias), con la participación de profesionales de la APS. La experiencia fue construida mediante la aplicación de un cuestionario y la observación de las percepciones, dificultades y prácticas relacionadas con el abordaje de la sexualidad de las personas mayores. Resultados: Se observó que la mayoría de los profesionales reconoce la sexualidad como una parte importante de la atención integral a las personas mayores; sin embargo, muchos refirieron poseer solo conocimientos básicos sobre el tema y abordarlo de manera ocasional. Entre los principales desafíos identificados se destacaron la resistencia de los pacientes, los prejuicios socioculturales, la falta de formación específica, la incomodidad profesional y la limitación de tiempo durante las consultas. También se evidenció la necesidad de una mayor inclusión de esta temática en los planes de estudio del área de la salud y en acciones de educación continua. Conclusión: La experiencia demostró que aún existen importantes barreras para el abordaje de la sexualidad geriátrica en la APS, lo que refuerza la necesidad de estrategias educativas, cualificación profesional y fortalecimiento de prácticas asistenciales más humanizadas e integrales dirigidas a la población mayor.*

**PALABRAS CLAVE:** *Sexualidad. Salud del Anciano. Atención Primaria de Salud.*



## 1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural e inevitável, caracterizado por transformações graduais de ordem física, psicológica e social, que afetam de maneira integrada diversas dimensões da vida humana (IBRAHIM *et al.*, 2022). Essas mudanças podem ocorrer de forma saudável, configurando a senescência, quando o indivíduo mantém funcionalidade e bem-estar, ou de maneira patológica, caracterizando a senilidade, na qual há comprometimento da autonomia e surgimento de doenças crônicas e incapacidades (IBRAHIM *et al.*, 2022). A maneira como cada pessoa vivencia o envelhecimento está diretamente relacionada a fatores biológicos, condições socioeconômicas, histórico de saúde e suporte social (OMS, 2012). Nesse contexto, a qualidade de vida é entendida como a percepção que o indivíduo tem sobre sua posição na vida, considerando seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, dentro de seu contexto cultural, sistema de valores e ambiente em que vive (OMS, 2012).

O aumento da expectativa de vida da população brasileira projeta, para as próximas duas décadas, um triplo crescimento no número de idosos, exigindo maior atenção aos processos que envolvem o envelhecimento (UCHÔA *et al.*, 2016). Esse fenômeno, complexo e multifacetado, vai além da contagem cronológica dos anos, abrangendo aspectos físicos, psicológicos e sociais que influenciam diretamente a qualidade de vida, entre eles a sexualidade (UCHÔA *et al.*, 2016). Longe de se restringir ao ato sexual, a sexualidade integra dimensões emocionais, afetivas e corporais, expressando-se nas interações sociais e na maneira de ser e estar no mundo (UCHÔA *et al.*, 2016; SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2022; ALENCAR *et al.*, 2016). No entanto, mitos, tabus socioculturais e mudanças fisiológicas decorrentes do envelhecimento — como disfunção erétil, disfunção sexual feminina, redução da libido, alterações corporais e presença de doenças crônicas — contribuem para a manutenção do estigma de que a velhice é uma fase assexuada, inibindo a vivência plena e saudável da sexualidade nessa faixa etária (UCHÔA *et al.*, 2016; SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2022; ALENCAR *et al.*, 2016).

Nos últimos anos, o aumento das infecções sexualmente transmissíveis entre idosos tem se tornado um desafio relevante para a saúde pública, especialmente no que se refere ao HIV/Aids (VIEIRA *et al.*, 2021). Dados nacionais indicam que, entre 1980 e junho de 2018, foram registrados 982.129 casos de Aids no Brasil, sendo que pessoas com 60 anos ou mais corresponderam a 3% desse total, com 13.665 ocorrências estimadas nas últimas três décadas (BRASIL, 2018; VIEIRA *et al.*, 2021). Apesar da redução geral das taxas de detecção da doença no país, as regiões Norte e Nordeste apresentaram tendência de crescimento (BRASIL, 2018; VIEIRA *et al.*, 2021). Entre 1998 e 2010, a taxa de incidência de HIV aumentou 41,6% entre indivíduos de 50 a 59 anos e 42,8% entre aqueles com 60 anos ou mais (BRASIL, 2012). Esse cenário é agravado pelo fato de que



grande parte dos idosos permanece sexualmente ativa, mas com baixa adesão ao uso de preservativos, motivada por fatores como menor preocupação com a concepção, dificuldades no manuseio, estigmas culturais, estabilidade de relacionamentos e submissão feminina (DORNELAS NETO *et al.*, 2015). Aspectos fisiológicos do envelhecimento — como diminuição da imunidade e alterações hormonais que afetam a integridade das mucosas — aumentam a vulnerabilidade, assim como questões socioculturais e falhas no atendimento em saúde, incluindo a ausência de campanhas preventivas voltadas a esse público. Tais elementos reforçam a necessidade de políticas de prevenção e promoção da saúde que considerem a sexualidade na velhice de forma explícita e inclusiva (DORNELAS NETO *et al.*, 2015).

Apesar dos avanços no reconhecimento da sexualidade como um componente essencial da saúde e da qualidade de vida na velhice, a literatura indica que o tema permanece pouco explorado na prática assistencial e frequentemente é permeado por estereótipos e concepções conservadoras. Muitos idosos ainda associam a sexualidade a noções tradicionais, como casamento, namoro e procriação, fortemente influenciadas por valores religiosos e culturais predominantes, o que limita a compreensão de sua dimensão afetiva, relacional e prazerosa (ALENCAR *et al.*, 2016; BARBOSA *et al.*, 2022). Essa visão restrita, somada à baixa escolaridade e à escassez de orientações específicas por parte dos serviços de saúde, contribui para a manutenção de práticas sexuais desprotegidas e aumenta a vulnerabilidade desse grupo às infecções sexualmente transmissíveis (BARBOSA *et al.*, 2022).

Além disso, observa-se que são raras as iniciativas dos próprios idosos para buscar informações sobre sexo e sexualidade fora do âmbito familiar ou escolar, recorrendo a outras fontes ao longo da vida (SILVA *et al.*, 2015). Em muitos casos, o preservativo só é reconhecido como instrumento de prevenção tardiamente, geralmente após o diagnóstico de ISTs ou por meio de campanhas pontuais, como as realizadas durante o carnaval (SILVA *et al.*, 2015). Segundo Silva *et al.* (2015), grande parte dessa população recebeu uma educação sexual na infância e adolescência com caráter repressivo — especialmente entre as mulheres — ou permissivo, no caso dos homens, mas em ambos os casos sem fornecer subsídios para a adoção de comportamentos protetivos. Essas experiências refletem raízes culturais patriarcais e religiosas que, ainda hoje, restringem o diálogo e a abordagem sobre sexualidade, influenciando a forma como o tema é tratado nas ações e condutas em saúde (SILVA *et al.*, 2015; ALENCAR *et al.*, 2016; BARBOSA *et al.*, 2022).

A lacuna na abordagem profissional é evidenciada por dados que mostram que mais de 70% dos idosos nunca receberam qualquer orientação sobre sexualidade, comprometendo não apenas a vivência plena desse aspecto, mas também a adoção de comportamentos preventivos (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2022). Esse cenário decorre de barreiras presentes em ambos os lados da



relação de cuidado: de um lado, idosos que sentem vergonha, receio ou constrangimento para abordar o assunto; de outro, profissionais que evitam a temática por falta de capacitação, insegurança ou influência de crenças e valores pessoais (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2022; ALENCAR *et al.*, 2016). No contexto da Atenção Primária, embora enfermeiros da Estratégia Saúde da Família apresentem, em média, bom nível de conhecimento técnico sobre a sexualidade na velhice, a implementação de ações educativas direcionadas a essa população ainda é incipiente, revelando um descompasso entre o saber e o fazer (EVANGELISTA *et al.*, 2019).

Diante desse cenário, justifica-se a realização desta pesquisa pela necessidade de ampliar a discussão sobre a sexualidade da pessoa idosa no contexto da Atenção Primária à Saúde, considerando que o tema ainda é permeado por tabus, estigmas socioculturais, lacunas na formação profissional e dificuldades na abordagem assistencial. A ausência de orientações sistemáticas sobre sexualidade na velhice pode comprometer a promoção da saúde, a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a vivência plena dessa dimensão da vida, reforçando a importância de compreender como os profissionais de saúde percebem e conduzem essa temática em sua prática cotidiana. Nesse sentido, o objetivo geral da presente pesquisa é investigar as percepções, conhecimentos, atitudes e barreiras enfrentadas por profissionais de saúde na abordagem da sexualidade de pessoas idosas na Atenção Primária à Saúde. Como objetivos específicos, busca-se identificar o nível de conhecimento dos profissionais sobre sexualidade geriátrica; reconhecer as principais dificuldades encontradas durante a abordagem do tema nos atendimentos; analisar a influência de crenças pessoais, valores socioculturais e lacunas na formação profissional nesse processo; e apontar possíveis estratégias educativas e assistenciais que favoreçam uma prática mais integral, humanizada e efetiva. Dessa forma, espera-se contribuir para o fortalecimento do cuidado à pessoa idosa, valorizando a sexualidade como dimensão importante da saúde, da autonomia e da qualidade de vida dessa população.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, elaborado a partir das vivências observadas durante atividades desenvolvidas em Unidades Básicas de Saúde (UBS) conveniadas à Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. A experiência ocorreu no contexto da Atenção Primária à Saúde, envolvendo profissionais atuantes na assistência à população idosa.

O relato foi construído com base nas percepções obtidas durante a aplicação de questionários e nas observações relacionadas à abordagem da sexualidade da pessoa idosa no



cotidiano assistencial. Participaram da experiência profissionais de saúde de diferentes áreas, incluindo médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, cirurgiões-dentistas e agentes comunitários de saúde. Foram excluídos da pesquisa os profissionais de outras áreas e acadêmicos.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário digital estruturado, elaborado com base em revisões da literatura sobre sexualidade na geriatria. O instrumento incluiu questões objetivas destinadas a investigar características demográficas, como idade, gênero, formação profissional e tempo de atuação, além de avaliar o conhecimento teórico e prático dos participantes sobre sexualidade geriátrica, sua experiência na abordagem do tema com pacientes idosos e os desafios enfrentados ao tratar dessa questão. O questionário foi disponibilizado de forma impressa, garantindo acessibilidade e praticidade para os respondentes.

As atividades foram realizadas entre os meses de fevereiro a dezembro de 2025, contemplando contato direto com os profissionais e observação das dificuldades, percepções e condutas relacionadas à temática da sexualidade geriátrica. Os registros da experiência foram organizados de forma descritiva, buscando identificar os principais desafios enfrentados pelos profissionais, bem como os aspectos relacionados à formação, barreiras socioculturais e abordagem do tema durante os atendimentos.

Para fundamentação teórica e discussão da experiência, realizou-se levantamento bibliográfico nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, utilizando artigos científicos nacionais e internacionais relacionados à sexualidade da pessoa idosa, infecções sexualmente transmissíveis na terceira idade e atuação dos profissionais de saúde frente à temática.

O estudo respeitou os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer vinculado ao CAAE nº 88625425.4.0000.5283, garantindo sigilo, anonimato e confidencialidade das informações obtidas.

Este estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência foi desenvolvida em Unidades Básicas de Saúde conveniadas à Universidade do Grande Rio (Unigranrio-Afya), no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, envolvendo profissionais de saúde atuantes na Atenção Primária à Saúde. Participaram da experiência 13



profissionais de diferentes categorias, incluindo médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, cirurgiões-dentistas e agentes comunitários de saúde.

Os pesquisadores participaram ativamente das atividades nas UBS, acompanhando a rotina assistencial e promovendo momentos de diálogo com os profissionais acerca da sexualidade geriátrica. Na aplicação dos questionários, observou-se desconforto inicial por parte de alguns profissionais ao discutir sexualidade na velhice, especialmente entre aqueles com maior tempo de formação. Em determinados momentos, percebeu-se hesitação ao responder perguntas relacionadas à abordagem prática do tema durante as consultas.

Durante as atividades realizadas, observou-se predominância de profissionais do sexo feminino (84,6%), sendo apenas dois participantes do sexo masculino (15,4%). Em relação à faixa etária, houve maior frequência de profissionais entre 41 e 50 anos (38,5%), seguidos daqueles entre 31 e 40 anos (23,1%), 51 a 60 anos (15,4%), acima de 61 anos (15,4%) e entre 18 e 30 anos (15,4%).

Quanto ao tempo de atuação profissional, identificou-se que a maioria possuía mais de 11 anos de experiência na área da saúde (61,5%), enquanto 15,4% relataram entre 6 e 10 anos de atuação e 23,1% entre 1 e 5 anos. Apesar da experiência profissional observada, apenas três participantes (23,1%) referiram ter recebido formação específica voltada à sexualidade geriátrica, evidenciando lacunas importantes na qualificação profissional relacionada ao tema.

Ao longo da experiência, percebeu-se que a maior parte dos profissionais avaliava seu conhecimento sobre sexualidade na população idosa como básico (69,2%), enquanto 15,4% classificaram-no como intermediário. Um participante relatou não possuir conhecimento sobre a temática. Ainda assim, quase todos os profissionais (92,3%) reconheceram a sexualidade como componente importante do cuidado integral à pessoa idosa, demonstrando compreensão da relevância do tema no contexto assistencial.

Entre os aspectos considerados pelos profissionais como prioritários na abordagem da sexualidade geriátrica, destacaram-se a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (38,5%), os estigmas e preconceitos relacionados ao envelhecimento e sexualidade (30,8%), as disfunções sexuais (15,4%) e as questões emocionais e psicológicas (7,7%).

No cotidiano assistencial relatado pelos participantes, 92,3% afirmaram abordar a temática da sexualidade durante os atendimentos, embora a maioria referisse fazê-lo apenas ocasionalmente. Apenas um profissional (7,7%) relatou nunca discutir o tema com pacientes idosos. Observou-se também que a receptividade dos idosos frente à temática foi percebida de maneira heterogênea pelos profissionais: 30,8% classificaram os pacientes como parcialmente receptivos,



30,8% como pouco receptivos, 15,4% como muito receptivos e 23,1% afirmaram nunca ter abordado o tema diretamente.

Os profissionais relataram que os momentos considerados mais apropriados para discutir sexualidade com idosos incluíam consultas de rotina (38,5%), atendimentos relacionados à saúde sexual (23,1%) e situações em que o próprio paciente introduzia o assunto (23,1%).

Durante a experiência, também foram identificadas importantes barreiras para a abordagem da sexualidade na velhice. Entre as principais dificuldades relatadas destacaram-se a resistência dos pacientes (69,2%), o preconceito cultural e social relacionado à sexualidade na terceira idade (61,5%), a falta de formação ou conhecimento específico sobre o tema (38,5%), o desconforto pessoal do profissional (38,5%) e a limitação do tempo disponível durante as consultas (30,8%). Além disso, observou-se consenso entre os participantes acerca da necessidade de maior inserção da temática da sexualidade geriátrica nos currículos de formação em saúde, sendo esse entendimento compartilhado por 92,3% dos profissionais envolvidos. Tal percepção reforça a importância de estratégias educativas e de capacitação profissional voltadas para uma abordagem mais humanizada, integral e acolhedora da sexualidade da pessoa idosa no contexto da Atenção Primária à Saúde.

A experiência desenvolvida nas Unidades Básicas de Saúde conveniadas à Universidade do Grande Rio permitiu observar aspectos relevantes relacionados à abordagem da sexualidade da pessoa idosa no contexto da Atenção Primária à Saúde. As percepções compartilhadas pelos profissionais participantes evidenciaram que, embora exista reconhecimento acerca da importância da sexualidade como componente do cuidado integral ao idoso, ainda persistem barreiras significativas que dificultam sua abordagem no cotidiano assistencial.

Observou-se predominância de profissionais do sexo feminino (84,6%), com tempo de atuação superior a 11 anos na maioria dos casos (61,5%). Apesar da experiência profissional acumulada, apenas 23,1% relataram possuir formação específica sobre sexualidade geriátrica. Essa vivência reforça o que é descrito na literatura acerca da insuficiência da formação acadêmica e da escassez de capacitações direcionadas à temática da sexualidade na velhice (VELLOSO *et al.*, 2021; EVANGELISTA *et al.*, 2019).

Durante a experiência, verificou-se que a maior parte dos profissionais reconhecia a sexualidade como parte integrante do cuidado em saúde da pessoa idosa, entretanto muitos relataram possuir apenas conhecimento básico sobre o tema e abordá-lo de forma ocasional durante os atendimentos. Tal percepção demonstra um descompasso entre o reconhecimento teórico da relevância da sexualidade e sua efetiva incorporação na prática assistencial. Esse achado está em consonância com o estudo de Velloso *et al.* (2021), que identificou que, embora geriatras



reconheçam a importância da sexualidade na velhice, o tema ainda permanece pouco explorado tanto na formação profissional quanto na rotina clínica.

A experiência também permitiu observar que a abordagem da sexualidade geriátrica permanece fortemente influenciada por fatores socioculturais, crenças pessoais e estigmas relacionados ao envelhecimento. Entre as principais dificuldades relatadas pelos profissionais destacaram-se a resistência dos pacientes (69,2%), o preconceito cultural e social (61,5%), além do desconforto pessoal e da falta de preparo profissional (38,5%). Esses aspectos corroboram os achados de Barbosa *et al.* (2022), que descrevem que tabus culturais e concepções conservadoras ainda limitam o diálogo sobre sexualidade entre idosos e profissionais de saúde.

De maneira semelhante, Alencar *et al.* (2016) destacam que a sociedade frequentemente associa a velhice à perda da sexualidade, reforçando o estigma da pessoa idosa como indivíduo assexuado. Essa percepção influencia diretamente tanto a postura dos profissionais quanto o comportamento dos próprios idosos, favorecendo silêncio, constrangimento e dificuldades na comunicação durante os atendimentos.

Outro aspecto observado durante a experiência foi a predominância da associação entre sexualidade geriátrica e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, apontada pelos profissionais como principal tema a ser abordado. Tal percepção encontra respaldo na literatura, considerando o crescimento dos casos de HIV/AIDS e outras ISTs na população idosa nas últimas décadas (VIEIRA *et al.*, 2021; CARVALHO; ARAGÃO, 2022).

Esse cenário torna-se ainda mais relevante diante do aumento progressivo dos casos de HIV/AIDS entre idosos no Brasil nas últimas décadas. Santos *et al.* (2021), ao analisarem a incidência de HIV/AIDS entre 2007 e 2020, identificaram tendência crescente de casos nessa população, reforçando a necessidade de fortalecimento das ações de prevenção, educação em saúde e abordagem da sexualidade no envelhecimento.

Estudos demonstram que muitos idosos permanecem sexualmente ativos, porém frequentemente apresentam baixa adesão ao uso de preservativos, seja por questões culturais, desconhecimento, dificuldades de acesso à informação ou falsa percepção de baixo risco (DORNELAS NETO *et al.*, 2015).

Nesse contexto, a experiência reforçou a importância da Atenção Primária à Saúde como espaço estratégico para ações educativas, prevenção e promoção da saúde sexual da população idosa. Contudo, observou-se que limitações estruturais, como tempo reduzido durante as consultas e ausência de protocolos específicos, dificultam a inserção da temática na rotina assistencial. Evangelista *et al.* (2019) também identificaram que, embora enfermeiros da Estratégia Saúde da



Família possuam conhecimento técnico satisfatório sobre sexualidade na velhice, a realização de ações educativas voltadas para esse público ainda ocorre de forma limitada.

A vivência relatada evidenciou ainda que muitos profissionais aguardam que o próprio paciente introduza o assunto durante a consulta, o que pode contribuir para a invisibilidade das demandas relacionadas à sexualidade na terceira idade. Segundo Souza Júnior *et al.* (2022), sentimentos de vergonha, medo e constrangimento frequentemente impedem que idosos abordem espontaneamente questões relacionadas à sexualidade, reforçando a necessidade de postura ativa, acolhedora e livre de julgamentos por parte dos profissionais de saúde.

A literatura internacional também reforça os achados observados nesta experiência. Gewirtz-Meydan *et al.* (2020), ao investigarem a percepção de médicos sobre sexualidade em idosos, identificaram que muitos profissionais tendem a abordar a temática sob perspectiva predominantemente biomédica, centrada em disfunções sexuais e desempenho, negligenciando dimensões emocionais, afetivas e relacionais da sexualidade. Essa visão restrita pode limitar a qualidade da assistência e dificultar abordagens mais humanizadas.

De forma complementar, Freak-Poli (2020) destaca que a atividade sexual na velhice não é limitada pela idade cronológica, mas principalmente por fatores relacionados à saúde, disponibilidade de parceiro, condições emocionais e influências socioculturais. Tal compreensão amplia a necessidade de enxergar a sexualidade da pessoa idosa para além do aspecto fisiológico, considerando-a como componente importante da qualidade de vida, do bem-estar emocional e das relações interpessoais.

Além disso, estudos recentes têm demonstrado que sexualidade e intimidade permanecem relevantes ao longo do envelhecimento e estão associadas a melhores indicadores de saúde mental e qualidade de vida (VILLAR; VASCONCELOS, 2025). Taccini *et al.* (2024) também ressaltam que aspectos neuropsicológicos, emocionais e cognitivos relacionados à sexualidade na velhice ainda são pouco explorados pela literatura e frequentemente negligenciados na prática clínica, reforçando a necessidade de abordagens mais amplas e interdisciplinares.

Outro ponto importante observado durante a experiência refere-se à necessidade de maior inserção da temática nos currículos acadêmicos e em programas de educação permanente em saúde. A quase totalidade dos participantes reconheceu a importância dessa inclusão, evidenciando percepção coletiva acerca das lacunas existentes na formação profissional. Esse achado está de acordo com Casséte *et al.* (2016), que apontam que a deficiência na formação dos profissionais contribui para perpetuação de estigmas e dificulta ações de prevenção e acolhimento voltadas à população idosa.



Embora a experiência tenha sido desenvolvida com número reduzido de participantes e em contexto específico da Atenção Primária vinculada à universidade, os achados permitem reflexões importantes sobre os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na abordagem da sexualidade geriátrica. A vivência observada demonstra que ainda existe importante distanciamento entre o reconhecimento da sexualidade como dimensão essencial da saúde e sua efetiva inserção no cuidado cotidiano.

O acompanhamento permitiu compreender que a abordagem da sexualidade geriátrica permanece limitada não apenas por barreiras institucionais, mas também por aspectos culturais profundamente enraizados entre profissionais e usuários.

Dessa forma, a experiência reforça a necessidade de fortalecimento de estratégias educativas, qualificação profissional e desenvolvimento de práticas assistenciais mais acolhedoras, humanizadas e livres de preconceitos, capazes de promover cuidado integral à população idosa. Considerando o envelhecimento progressivo da população brasileira, torna-se fundamental que a sexualidade deixe de ser um tema invisibilizado e passe a integrar de maneira efetiva as ações de promoção da saúde na Atenção Primária.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência desenvolvida nas Unidades Básicas de Saúde permitiu compreender que a sexualidade da pessoa idosa ainda representa um tema pouco explorado no contexto da Atenção Primária à Saúde, apesar do reconhecimento de sua relevância pelos profissionais participantes. Observou-se que, embora a maioria considere a sexualidade parte importante do cuidado integral ao idoso, persistem dificuldades relacionadas à falta de formação específica, barreiras socioculturais, resistência dos pacientes e limitações estruturais do próprio serviço de saúde.

A vivência relatada evidenciou que muitos profissionais possuem conhecimento restrito sobre sexualidade geriátrica e abordam o tema de maneira ocasional, frequentemente condicionado à abertura do próprio paciente ou a situações específicas relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis. Tal cenário reforça a permanência de estigmas históricos associados ao envelhecimento e à sexualidade, contribuindo para a invisibilidade das demandas afetivas, emocionais e sexuais da população idosa.

Além disso, a experiência demonstrou que a ausência de capacitação específica durante a formação acadêmica e na educação permanente em saúde influencia diretamente a segurança e a postura dos profissionais diante da temática. Dessa forma, torna-se fundamental ampliar discussões



sobre sexualidade geriátrica nos currículos dos cursos da área da saúde, bem como fortalecer estratégias educativas e ações de sensibilização voltadas às equipes da Atenção Primária.

Nesse contexto, destaca-se a importância de práticas assistenciais mais humanizadas, acolhedoras e livres de preconceitos, capazes de reconhecer a sexualidade como dimensão legítima da qualidade de vida e do bem-estar da pessoa idosa. A Atenção Primária à Saúde possui papel estratégico nesse processo, especialmente por sua proximidade com a comunidade e potencial para desenvolver ações de promoção da saúde, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e fortalecimento do cuidado integral.

Por fim, a experiência contribui para ampliar a reflexão acerca da necessidade de romper paradigmas relacionados à sexualidade na velhice, incentivando uma assistência mais integral, ética e sensível às singularidades do envelhecimento. Frente ao crescimento progressivo da população idosa no Brasil, discutir sexualidade no envelhecimento deixa de ser apenas uma necessidade complementar e passa a constituir elemento essencial da prática em saúde.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Danielle Lopes de; MARQUES, Ana Paula de Oliveira; LEAL, Márcia Carrera Campos; VIEIRA, Júlia de Cássia Miguel. The exercise of sexuality among the elderly and associated factors. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, set./out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.160028>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BARBOSA, C. S. P.; BEZERRA, V. P.; OLIVEIRA, G. P. de; NOGUEIRA, J. A.; MOREIRA, M. A. S. P. Sexualidade da pessoa idosa: vivências de profissionais de saúde e idosos. *Cogitare Enfermagem*, v. 27, e83845, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.83845>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico AIDS-DST 2011: versão preliminar*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/boletim\\_epidemiologico\\_aids\\_dst\\_v8\\_n1.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/boletim_epidemiologico_aids_dst_v8_n1.pdf). Acesso em: 14 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico HIV/Aids*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/documents/37101/87308/Boletim-AIDS-IST-2018.pdf/d8af8a94-6af7-f3b8-b6ba-7165108b759c?t=1648581629043>. Acesso em: 14 ago. 2025.

CARVALHO, Paula Arruda de; ARAGÃO, Ivana Picone Borges de. Epidemia de HIV/AIDS entre a população idosa do Brasil de 2008 a 2018: uma análise epidemiológica. *HU Revista*, Juiz de Fora, v. 48, n. 1, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/hurevista/article/view/37626>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CASSÉTTE, Júnia Brunelli et al. HIV/AIDS among the elderly: stigmas in healthcare work and training. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 733-744,



set./out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150123>. Acesso em: 14 ago. 2025.

DORNELAS NETO, J.; NAKAMURA, A. S.; CORTEZ, L. E. R.; YAMAGUCHI, M. U. Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 3853-3864, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.17602014>.

EVANGELISTA, A. R.; MOREIRA, A. C. A.; FREITAS, C. A. S. L.; VAL, D. R.; DINIZ, J. L.; AZEVEDO, S. G. V. Sexuality in old age: knowledge/attitude of nurses of Family Health Strategy. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 53, e03482, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018018103482>. Acesso em: 14 ago. 2025.

FREAK-POLI, R. It's not age that prevents sexual activity later in life. *Australasian Journal on Ageing*, v. 39, supl. 1, p. 22-29, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/ajag.12774>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GEWIRTZ-MEYDAN, A.; LEVKOVICH, I.; MOCK, M.; GUR, U.; KARKABI, K.; AYALON, L. Sex for seniors: how physicians discuss older adult's sexuality. *Israel Journal of Health Policy Research*, v. 9, n. 1, p. 8, 21 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13584-020-00366-5>. Acesso em: 10 nov. 2025.

IBRAHIM, S.; CARNEIRO, P. A.; SEITZ, D. R.; JESUS, J. T. L.; PERONDI, A. R. A percepção da pessoa idosa sobre a sexualidade e a saúde sexual no envelhecimento. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 26, n. 3, 2022. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/8718>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Department of Mental Health. The World Health Organization Quality of Life. Genebra: WHO, 2012. Disponível em: [https://www.who.int/mental\\_health/publications/whoqol/en/](https://www.who.int/mental_health/publications/whoqol/en/). Acesso em: 10 nov. 2025.

SANTOS, Tainá Cajazeira et al. Análise temporal da incidência de HIV/aids em idosos no período de 2007 a 2020. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 5, e210173, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562021024.220005.pt>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SILVA, Leandro César da; FELÍCIO, Ezequiel Elias Azevedo Alves; CASSÉTTE, Júnia Brunelli; SOARES, Lissa Araújo; MORAIS, Rhariany Alves de; PRADO, Thiago Santos; GUIMARÃES, Denise Alves. Psychosocial impact of HIV/AIDS diagnosis on elderly persons receiving care from a public healthcare service. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14156>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SOUZA JÚNIOR, E. V. de; SILVA FILHO, B. F. da; CRUZ, D. P.; ROSA, R. S.; CAIRO, G. M.; SILVA, C. S. dos; SIQUEIRA, L. R.; SAWADA, N. O. Efeitos da sexualidade na funcionalidade familiar e na qualidade de vida de pessoas idosas: estudo transversal. *Revista Cuidarte*, v. 13, n. 1, e2296, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.2296>. Acesso em: 10 nov. 2025.

TACCINI, F.; ROSSI, M.; MANNARINI, S. et al. Neuropsychology of sexuality in older adults: bridging gaps in literature and future directions in research. *Ageing Clinical and Experimental Research*, v. 36, n. 1, p. 221, 16 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40520-024-02885-6>. Acesso em: 10 nov. 2025.



UCHÔA, Yasmim da Silva; COSTA, Dayara Carla Amaral da; SILVA JUNIOR, Ivan Arnaldo Pamplona da; SILVA, Saulo de Tarso Saldanha Eremita de; FREITAS, Wiviane Maria Torres de Matos; SOARES, Soanne Chyara da Silva. Sexuality through the eyes of the elderly. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, nov./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.150189>. Acesso em: 14 ago. 2025.

VELLOSO, B. A. A.; COELHO, A. C. T.; FARIAS, C. F.; ROCHA, R. V. A. L.; LYRA FILHO, C. R. N.; JORDÁN, A. P. W. et al. Sexualidade do idoso na prática e formação de geriatras: estudo qualitativo. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 15, e0210036, 2021. DOI: <https://doi.org/10.53886/gga.e0210036>. Acesso em: 10 nov. 2025.

VIEIRA, C. P. de B.; COSTA, A. C. dos S. e S.; DIAS, M. do C. L.; ARAÚJO, T. M. E. de; GALIZA, F. T. de. Tendência de infecções por HIV/Aids: aspectos da ocorrência em idosos entre 2008 e 2018. *Escola Anna Nery*, v. 25, e20200051, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0051>. Acesso em: 10 nov. 2025.

VILLAR, F.; VASCONCELOS, P. Sexuality and quality of life in later life: overcoming old narratives, addressing new challenges. *BMC Geriatrics*, v. 25, n. 1, p. 257, 21 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12877-025-05906-9>. Acesso em: 10 nov. 2025.